

## Selvagens, brutos ou heróis? Os *brasileiros de torna-viagem* e a construção identitária do Brasil em Portugal

Wellington Teixeira LISBOA

Resumo: Os fluxos migratórios dos portugueses para o Brasil constituem um dos mais importantes períodos da história da emigração portuguesa. O movimento contrário de muitos portugueses à sua terra natal, especialmente no século XX, foi acompanhado pela profusão de imagens pejorativas sobre os assim denominados *brasileiros de torna-viagem*. No presente estudo, analisaremos como essa movimentação transatlântica refletiu na construção histórica da identidade brasileira em Portugal. Paralelamente, incidiremos sobre algumas estratégias discursivas que, à luz dos atuais interesses lusófonos, vêm redimensionando as interpretações sobre este evento histórico-cultural.

Palavras-chave: relações Brasil-Portugal; *brasileiros de torna-viagem*; lusofonia; identidade cultural.

Os fluxos migratórios dos *brasileiros de torna-viagem* representam um dos mais importantes períodos da história da emigração portuguesa no mundo, também se caracterizando como um fenômeno singularmente relevante no processo de construção identitária do Brasil em Portugal. A historiografia portuguesa atesta que a movimentação de um contingente da população daquele país europeu com destino à grande colônia imperial – o Brasil – já se acentuava desde o século XVII,<sup>1</sup> sendo que no final do século XIX e começo do XX essa translação oceânica atingiu índices de forte expressividade. As incompletas estatísticas brasileiras, por sua vez, registram a representatividade do número de imigrantes portugueses que nos últimos séculos aportaram em território brasileiro, contabilizando a entrada de cerca de 942 mil, no período que se estendeu de 1855 a 1914, e, após uma forte contração durante a Primeira Guerra Mundial, a chegada de 320 mil portugueses, no período compreendido entre 1919 e 1929 (Leite, 2000).

De acordo com Alves (2000), o Brasil era o terreno mais fértil para o imaginário coletivo português do século XIX e de até meados do XX, materializando o sonho do

---

<sup>1</sup> Segundo Baganha (2001), os trânsitos migratórios de portugueses para o Brasil, até a independência deste país, apresentaram íntima ligação aos objetivos mercantis e imperiais da Coroa portuguesa. Assim, o que marca os primórdios da emigração portuguesa é o fato de os emigrantes abandonarem seu país, prioritariamente, aos serviços do Império. Rocha (2001) exemplifica essa relação, denominada por esta autora como emigração direcionada pelos poderes públicos, a partir dos fluxos migratórios que se sucederam em meados do século XVIII, com origem nos arquipélagos dos Açores e da Madeira e destinos nos territórios localizados nos atuais Estados brasileiros de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Pará.

Eldorado que tanto instigou centenas de milhares de portugueses para o êxodo transatlântico. No dealbar de 1800, esses emigrantes, majoritariamente do sexo masculino, quase sempre jovens, e alguns ainda crianças, fugindo das condições socioeconômicas desfavoráveis que assolavam as aldeias e as pequenas cidades do Norte e Noroeste de Portugal,<sup>2</sup> rumavam prioritariamente às fazendas de Minas Gerais, região brasileira onde a extração do ouro e a intensa urbanização compunham um cenário auspicioso. Independentemente das desiguais concentrações de riqueza, boa parte dos emigrantes portugueses tornava-se definitiva naquelas terras, e noutras para onde emigravam, estruturando uma cadeia de contatos que ativou o grande movimento da migração do século XIX entre Portugal e Brasil. Contribuiu para a intensificação desse fluxo o fato de a burguesia comercial, formada pela negociação do ouro e pela posse das plantações de café, ter dominado as redes de emigração e garantido a sedimentação do monopólio português do comércio brasileiro.

Alves (2000) também refere que esta emigração, na fase inicial do século XIX, era estimulada por famílias que tinham condições de pagar os custos da viagem do emigrante. Além disso, o interesse em encaminhar os filhos para o Brasil obedecia às estratégias familiares e à distribuição fundiária portuguesa, ou seja, enquanto a um filho era delegada a responsabilidade pela manutenção das propriedades agrárias, os demais eram quer direcionados à vida eclesiástica, quer enviados ao Brasil, sempre com objetivos de garantir um futuro familiar economicamente estruturado. A expectativa de mobilidade social ascendente, logo, apresentava-se como princípio fundamental no campo das decisões individuais e familiares que conduziam ao processo migratório. Naquele contexto, as notícias que chegavam do outro lado do Atlântico continuavam divulgando, em solo português, a imagem mítica do Brasil como terra das promessas, das facilidades e das riquezas. Segundo Leite (op. cit., p. 31), “muitos rapazes teriam a ambição de uma vida livre da pesada autoridade paterna e dos apertados costumes de terras pequenas, acenando ao longe com a possibilidade de fortuna.” As famílias portuguesas que organizavam a ida dos filhos à “terra prometida” consideravam a necessidade de garantir uma carreira profissional àqueles jovens, sendo que os contatos prévios nos meios comerciais brasileiros, dinamizados pelos portugueses, permitiam entrever a concretização do sucesso almejado.

---

<sup>2</sup> Naquele século, algumas melhorias no atendimento à sociedade permitiram o aumento da população portuguesa, e as famílias não conseguiam garantir seu sustento apenas com pequenos pedaços de terra. Acresce-se ainda as parcas oportunidades decorrentes de uma economia baseada na insuficiência de lavouras incipientes, com fluxos monetários desgastados (Alves, 1999, 2004).

No Brasil, muitos desses imigrantes enviavam, com certa regularidade, notícias e dinheiro para os pais, orientando-os para a compra de terrenos e imóveis e para a expansão das plantações; outros, todavia, nunca mais os contatavam, “talvez falecidos ou perdidos para a família numa pobreza envergonhada.” (Leite, op. cit., p. 33) Após sucessivas décadas de trabalho em terras brasileiras, inúmeros *brasileiros*<sup>3</sup> retornavam a Portugal, sempre dotados, como afirma Santos (2000), de um diferente sotaque linguístico e de aparentes mudanças comportamentais, nomeadamente aquelas relativas aos hábitos alimentares, de vestimenta, aos valores morais, às convicções e às práticas de sociabilidade. De acordo com este autor, tais distintivos simbólicos, alimentados na terra natal pelas mitologias da emigração e do retorno, remetiam, no imaginário português da época, às representações identitárias do Brasil como terra paradisíaca, tropical e abundante de riquezas, imagens intensificadas pela ostentação dos *torna-viagens* ricos que, não raramente, desfilavam pelas ruas com suas botas largas, com seus chapéus de abas fortes e cores claras e com seus anéis de brilhante e cordões de ouro. Assim, no imaginário coletivo do Portugal oitocentista, cristalizou-se a imagem do Brasil como “terra das patacas,” como o tão almejado “paraíso dourado,” de uma “vastidão incomensurável, onde era possível rasgar os horizontes impostos pelo nascimento e onde a fortuna podia sorrir, desde que houvesse um misto de trabalho metódico e sorte.” (Santos, op. cit., p. 18)

No entanto, após a Independência do Brasil, e com a adoção das políticas brasileiras para o branqueamento da raça,<sup>4</sup> que asseguravam diversos incentivos a europeus que emigrassem para este país, alterou-se o perfil do coletivo de emigrantes portugueses, que já não dispunham de posses fundiárias em Portugal, não se encontravam inseridos em redes do comércio brasileiro e não possuíam instruções

---

<sup>3</sup> Denominação atribuída em Portugal aos portugueses que emigraram ao Brasil e, tempos depois, retornaram a seu país dotados de considerável poupança e de salientes mudanças comportamentais, que remetiam às características subjacentes no imaginário dos portugueses sobre o Brasil e os brasileiros, ou seja, ao universo simbólico difuso de referências exóticas e “selvagens.”

<sup>4</sup> A teoria do branqueamento da raça apregoava a necessidade de “branquear” a população brasileira, a partir do cruzamento entre o negro e o estrangeiro branco, e substituir o negro e o mestiço no mercado de trabalho livre, nas zonas rural e urbana. Uma das medidas tomadas para a execução das propostas dessa teoria racial foi a adoção das políticas de imigração, que incentivavam, com as concessões de propriedades rurais e de pequenos comércios artesanais nas zonas urbanas, a vinda massiva de emigrantes para o Brasil, principalmente os de origem europeia. Vale salientar que essa teoria fundamentava-se, em parte, nos pressupostos da tese da “raça pura,” do Conde de Gobineau, autor do ensaio *A desigualdade das raças humanas* (1853-1855), que propunha a superioridade biológica da “raça nórdica.” Este autor, ex-embaixador no Brasil e amigo do imperador D. Pedro II, defendia a ideia de que o desenvolvimento do Brasil estava travado em decorrência do grande contingente populacional pertencente às “raças inferiores,” concepção que, por longo tempo, exerceu enorme influência no pensamento social brasileiro (Cervo; Magalhães, 2000; Borges, 2001).

escolares que lhes valessem como garantia de uma carreira profissional. Ainda que esses emigrantes, na sua maioria, continuassem pertencendo ao sexo masculino, um considerável número de mulheres passou a ter acesso à experiência da emigração transatlântica, ambicionando uma vida estruturada no Brasil, ou posteriormente em Portugal, com as condições imaginadas quando dos deslumbramentos diante dos *brasileiros* com cordões de ouro. Assim, às mulheres e aos homens portugueses, com perfis bastante discrepantes em relação àqueles que emigravam no início do século XIX, fora atribuída, em Portugal, a designação de *engajados*, emigrantes a contrato que, para pagar a passagem e os custos da viagem, assumiam dívidas com os *engajadores*, comprometendo-se a quitá-las, com trabalhos sistemáticos, nas fazendas brasileiras de café e, inclusive, nas novas obras públicas (Alves, 2000). Convém, pois, mencionar que esses imigrantes, com idades mais avançadas em relação aos de outrora e geralmente casados e provenientes do meio rural português, participaram da substituição da mão-de-obra escrava no Brasil, durante o processo de abolição da escravatura ocorrida neste país.

Em Portugal, generalizou-se a ideia de que o *engajado* não era mais que um escravo branco. Essa concepção fora amplamente propagandeada pelo Estado português, que pretendia canalizar os excedentes demográficos para as colônias africanas e, naquelas posses, construir novos “brasis.” Ainda assim, e não obstante as representações ultrajantes que se firmaram contra a figura dos que, naquele período, emigraram para a ex-colônia, o fluxo transatlântico continuou crescendo durante o século XIX, atingindo elevados índices na década de 50, quando definitivamente se proibiu o tráfico negreiro no Brasil.<sup>5</sup> Como demonstra Miranda (1999), em meados do século XIX, a esmagadora maioria da emigração portuguesa afluía para o Brasil, estimando-se cerca de 80% dos emigrantes que deixavam Portugal. No pensamento generalizado, “o Brasil era o seu ideal; ali quem trabalha tem a justa recompensa do seu trabalho.” (Machado, 1881, s/p.)

Face àquele contexto, a evidente obstinação do governo e da sociedade portuguesa impulsionou a recriação maciça de imagens pejorativas do Brasil e dos brasileiros, dos *engajados* e dos *engajadores*, como se Portugal estivesse diante de “uma ‘sangria’ de gente para o Brasil, como se este último estivesse a roubar parte vital do corpo português, numa metáfora bem a gosto positivista.” (Machado, 2003, p. 42).

---

<sup>5</sup> Há que se registrar que, principalmente devido à pressão inglesa, em 4 de setembro de 1850 foi instituída a Lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico inter-atlântico de escravos.

Como contextualiza Machado (op. cit.), a imagem que se produzia sobre o Brasil era a de o país para onde Portugal “sangrava,” onde a mão-de-obra portuguesa era injustamente escravizada, porque subornada por inescrupulosos contratadores portugueses. Com efeito, não foram poucas as acusações de enriquecimento ilícito contra os portugueses que, no Brasil, movimentavam há longo tempo o negócio da emigração portuguesa, e em especial contra aqueles que, gradativamente, começaram a tornar a viagem para Portugal. Sobre esses novos *torna-viagens* recaíram estereótipos de ignorantes, toscos e de sujeitos não-confiáveis, características que, nas acepções de Machado (op. cit.) e de Lisboa (2007, 2008), perduram, ainda atualmente, no senso comum português a respeito do Brasil e seus nacionais.

Dentre outros fatores de ordem econômica e familiar, essa leva de imigrantes da segunda metade do século XIX retornava para Portugal, sobretudo, em decorrência do antilusitanismo brasileiro, movimento que suscitou inúmeras revoltas populares por várias regiões do Brasil, debilitando o monopólio português do comércio brasileiro e denegrindo a identidade dos portugueses neste país.<sup>6</sup> Em Portugal, esses regressados eram denominados como *abrasileirados*, ou seja, *torna-viagens* que já não voltavam munidos de vultosas poupanças econômicas, mas se encaixavam na condição de remediados, possuindo quantias suficientes para instalarem-se na cidade do Porto e pelo Norte de Portugal, construindo mercearias, pensões, cafés e hotéis. Em contrapartida, muitos *torna-viagens* aportavam em Portugal dotados de pouco ou nenhum dinheiro, tendo de se esconder da família e evitar a circulação em espaços públicos, obstando, deste modo, a divulgação dos inúmeros casos de emigrantes que não tiveram sucesso no Brasil, ou melhor, não enriqueceram no tão desejado “paraíso dourado.” Em relação a esses portugueses retornados, atribuía-se a expressão *brasileiro de mão-furada*, figura em torno da qual o cancionero popular não hesitou em tematizar (César, 1969, p. 21):

*Brasileiro, brasileiro,*

*Chamam-te de mão-furada;*

*Foste ao Brasil e viestes (sic)*

*Não trouxestes (sic) de lá, nada.<sup>7</sup>*

<sup>6</sup> Como demonstram Cervo & Magalhães (op. cit.) e igualmente Machado (op. cit.), o antilusitanismo foi desencadeado pela tentativa de nacionalização do comércio a varejo no Brasil, completamente dominado pelos portugueses, mesmo após a independência deste país. Os tumultos que repercutiram com maior gravidade foram os ocorridos em 1848, em Pernambuco, e em 1873-1874, na antiga província do Pará.

<sup>7</sup> *Cancioneiro de Entre Douro e Mondego.*

De acordo com Alves (op. cit.), o retorno dos emigrantes portugueses acentuou-se no decurso dos séculos XIX e XX, sendo que, em 1914, havia em Portugal mais registrados de entrada do que de saída. Este autor também destaca que, naquele período, os remediados constituíam a maioria dos *torna-viagens*, a quem, pelo fato de não terem permanecido por muito tempo no Brasil e sobretudo porque retornaram com módicas quantias de dinheiro, não fora outorgada, popularmente, a alcunha de *brasileiro*. E é precisamente neste ponto nodal que podemos identificar o quanto o Brasil revestia-se de um conjunto de imagens míticas e estereotipadas no imaginário português de fins do século XIX e começo do XX. Retomemos, portanto, as percepções de cunho antropológico sistematizadas por Machado (op. cit.), a fim de salientarmos que a figura do *abrasileirado* significava, efetivamente, que a categoria de *brasileiro de torna-viagem* não dizia respeito, tão-somente, à passagem do emigrante português pelas terras brasileiras, mas à aquisição das características identitárias que, em Portugal, eram imputadas ao Brasil: “a sua riqueza, seu exotismo e, de certa forma, a brutalidade selvagem.” (Machado, op. cit., p. 43)

Os *abrasileirados*, conquanto transformassem a realidade socioeconômica das regiões para onde retornavam, movimentando as redes hoteleiras, de restaurantes e de bares e cafés, gerando impacto marcante no processo de modernização portuguesa, não expressavam alterações em seus sotaques linguísticos, bem como não exibiam salientes mudanças nas vestimentas e nos modos de comportamento. Contrariamente, os *brasileiros* primavam por ostentar, nas roupas, nas falas, nos costumes, nas benfeitorias, nas decorações de suas luxuosas mansões,<sup>8</sup> o sucesso de sua experiência no Brasil e a adoção de sua nova identidade, publicamente reconhecida como tropical e exótica. Em decorrência do seu exibicionismo e alarde na sociedade portuguesa, sobre os *brasileiros de torna-viagem* foram despejadas críticas, anedotas e caricaturas mordazes, comumente elaboradas por inúmeros escritores portugueses, tais como Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Ramalho Ortigão, Aquilino de Almeida, Eça de Queiróz e outros literatos da época. Em geral, as imagens do *brasileiro* rico, exótico e tolo eram as mais recorrentes nesses escritos literários (Vieira, 1991; Lisboa, 2007, 2009).

---

<sup>8</sup> As casas dos *brasileiros de torna-viagem* contrastam com as casas “originalmente” portuguesas, porque, diferentemente destas, são grandes, vistosas, de amplas e muitas janelas, com clarabóias no interior da casa e decoradas com azulejos de cores fortes, envergando imagens de florestas, índios, animais. Também é comum, numa casa de *brasileiro*, serem plantadas palmeiras e outras vegetações que remetem, simbolicamente, ao Brasil. Convém referir que essas características arquitetônicas e paisagísticas também são encontradas em igrejas, escolas e conventos portugueses, precisamente por terem sido construídos com dinheiro ofertado pelos *brasileiros* (Monteiro, 2000a; 2000b). Principalmente nas regiões do Minho e de Trás-os-Montes, no Norte de Portugal, é possível observar essa realidade.

No presente estudo, consideramos pertinente indagar se as representações simbólicas (Hall, 2000, 2003; Moscovici, 2003) dos *brasileiros de torna-viagem* mantiveram-se no imaginário português contemporâneo, influenciando na (re)construção identitária do Brasil em Portugal. Fundamentemo-nos, novamente, nas análises de Machado (op. cit.), que chamam a atenção à clarividente incoerência entre, por um lado, os estereótipos propagados em séculos passados pelo Estado, pelo senso comum e pelos literatos portugueses e, por outro lado, os atuais enaltecimentos, no cenário político e cultural português, da figura do *brasileiro*. Lembra este autor que, em 2000, no contexto das comemorações portuguesas dos “Descobrimientos,” a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (CNCDP) organizou, na cidade do Porto, uma exposição intitulada “Os brasileiros de torna-viagem.” Essa exposição tinha como objetivo central exaltar o papel dos emigrantes portugueses como protagonistas construtores do Brasil, salientando uma vertente de discursos imperialistas, e bem a gosto lusófono (Lourenço, 1999, 2004; Baptista, 2006), que qualificavam os *torna-viagens* como sujeitos que, imbuídos pela “grande alma portuguesa,” continuaram os “feitos heróicos” dos “descobridores.” Aclamava-se, igualmente, a capacidade empreendedora desses *brasileiros*, quando de seu retorno à mãe-pátria portuguesa.

Ora, mas esses emigrantes, até o século passado, não foram taxados como indivíduos grosseiros e exóticos, quase selvagens, dotados de uma boçalidade e fealdade que, no dizer português de Eça (Mónica, 2004), eram o grande causador do riso público? Por que, então, contemporaneamente, o discurso oficial do Estado português enaltece a história e o caráter dos *torna-viagens* e sua importância em ambos os lados do Atlântico? Como observa Machado (op. cit.), se, no passado, os *brasileiros* foram considerados uma mácula vergonhosa, responsáveis pela “sangria” de Portugal para o Brasil, na retórica da atual lusofonia esses personagens auferiram um novo estatuto simbólico, um certo prestígio social, valorizados que são como co-responsáveis pela reconstrução do império cultural luso.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> A lusofonia, proclamada como a *comunidade de sentimentos e afetos* dividida pelo Atlântico, busca recompor um imaginário fundado no passado império-colonial português, em que Portugal reemerge na figura de ex-colonizador europeu, civilizado e branco, que, gozando de sua “vocação” para o *lusotropicalismo*, evangelizou índios e negros dos trópicos, “selvagens” das florestas brasileiras e das paragens da África, além de outros povos asiáticos. Na concepção de Thomaz (2002), antigos mitos e estereótipos sociais constituem elementos simbólicos basilares da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP). Considera este autor que os pressupostos que estruturam a CPLP são reverberados de parte do discurso *lusotropicalista* de Gilberto Freyre, sendo que, de acordo com tal matriz discursiva, o pensamento colonial aparece dissimulado na ideologia lusófona, reincidindo na retórica da “alma portuguesa” no mundo e diligenciando a reedificação de um império português em âmbito cultural. Santos (2005), assim como Thomaz (op. cit.) e Alexandre (1999), acentua que o discurso oficial da

O que, de fato, a historiografia e os discursos oficiais portugueses têm negligenciado são as possíveis inter-relações entre as representações estereotipadas que outrora se construíram sobre a figura dos *torna-viagens* – e sobre o Brasil – e as imagens pejorativas que, em Portugal, ainda recaem sobre o Brasil e seus nacionais (Lisboa, 2007, 2008). Além disso, e como notou Machado, não se têm problematizado as formas como esses emigrantes enriqueceram em terras brasileiras, importando, tão-somente, contextualizar a trajetória do emigrante em solo português, antes da partida e depois do regresso do “paraíso dourado.” Mas acentuar os meios de enriquecimento no Brasil, como aqueles concernentes ao tráfico de escravos, pode não se configurar uma estratégia consentânea aos desígnios dos entusiastas lusófonos da margem portuguesa. Afinal, no que toca a esse propósito, apenas salientam que os emigrantes, os “novos heróis portugueses,” devem ser honrados por, supostamente, continuarem o “mundo que o português criou.”<sup>10</sup>

**Wellington Teixeira Lisboa**

Doutorando em Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP)  
Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra,  
com apoio do Programa de Bolsas de Alto Nível  
da União Européia para América Latina (ALBAN)  
E-mail: [wtlisboa@yahoo.com.br](mailto:wtlisboa@yahoo.com.br)

Savages, stupids or heroes? The *brazilian of torna-viagem* and the construction of brazilian identity in Portugal

Abstract: The migration of Portuguese people to Brazil is one of the most important periods in the history of Portuguese emigration. The opposite movement of many Portuguese to their country, especially in the twentieth century, was accompanied by the proliferation of images of the so-called *Brazilians of torna-viagem*. In this study, we analyze how the trans-Atlantic movement reflected in the historical construction of Brazilian identity in Portugal. We will analyse too the current discourses about this theme.

Keywords: relations Brazil-Portugal; brazilians of torna-viagem; lusofonia; cultural identity.

---

pretensa sintonia histórica, cultural, linguística e afetiva entre os povos lusófonos atende a interesses econômicos locais e supranacionais, num movimento que esmorece, sobretudo na memória social portuguesa, versões dissidentes do passado colonial.

<sup>10</sup> Expressão introduzida no discurso acadêmico português, nos anos 50 do último século, pelo professor e político Adriano Moreira, mas que rapidamente se reproduz no discurso do Estado Novo em Portugal (Castelo, 1998).

**Referências bibliográficas**

- ALEXANDRE, Valentim. O Império e a idéia de raça (séculos XIX e XX). In: VALA, Jorge (coord.), *Novos racismos: perspectivas comparativas*. Oeiras: Celta, 1999.
- ALVES, Jorge F. A. Variações sobre o “brasileiro” – Tensões na emigração e no retorno do Brasil. In: *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXIII, Universidade de Coimbra, 1999, pp. 191-222.
- \_\_\_\_\_, O «brasileiro» oitocentista – representações de um tipo social. In: VIEIRA, Benedicta Maria Duque (org.), *Grupos sociais e estratificação social em Portugal no Século XIX*, Lisboa: ISCTE (C.E.H.C.P.), 2004.
- ALVES, Luís A. M. O *brasileiro*: ausência e presença no Portugal oitocentista. In: PORTUGAL, Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, *Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal*. Lisboa: CNCDP, 2000.
- BAGANHA, Maria I. B. Historiografia da emigração portuguesa para o Brasil: algumas notas sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro. In: ARRUDA, José J. & FONSECA, Luís A. (orgs.), *Brasil-Portugal: História, agenda para o milênio*. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP; Portugal: ICCTI, 2001.
- BAPTISTA, Maria M. A lusofonia não é um jardim ou da necessidade de ‘perder o medo às realidades e aos mosquitos’. *Ellipsis – Journal of the American Portuguese Association*, vol. 4, Portugal, 2006.
- BORGES, Rosângela Ferreira de Carvalho. *Axé, Madona Achiropita!* São Paulo: Pulsar, 2001.
- CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento, 1998.
- CERVO, Amado L. & MAGALHÃES, José C. de. *Depois das Caravelas. As relações entre Portugal e o Brasil (1808-2000)*. Organização e apresentação de Dário Moreira de Castro Alves. Lisboa: Instituto Camões, 2000.
- CÉSAR, Guilhermino. *O «brasileiro» na ficção portuguesa*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1969.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Portugueses no Brasil, brasileiros em Portugal. Antigas rotas, novos trânsitos e as construções de semelhanças e diferenças culturais. In: RAMALHO, Maria I. & RIBEIRO, António S. (orgs.), *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*. Coleção: A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Tradução de Adelaide La Guardiã Resende et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LEITE, Joaquim da C. A viagem. In: PORTUGAL, Comissão Nacional para os

- Descobrimientos Portugueses, *Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal*. Lisboa: CNCDP, 2000.
- LISBOA, Wellington Teixeira. *O Brasil no imaginário português contemporâneo: mitos coloniais e reactualizações mediáticas*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Jornalismo, Instituto de Estudos Jornalísticos da Universidade de Coimbra. 2007.
- \_\_\_\_\_. Imagens do Brasil em Portugal: mitos e mídia na construção de identidade. In: *Revista de Estudos da Comunicação*. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicacao?dd1=2641&dd99=view>>. Acesso em: 20 dez. 2009. (PUCPR), Paraná, vol. 9, n. 20, set./dez. 2008, pp. 267-275.
- \_\_\_\_\_. Entrelinhas da memória: o Brasil na literatura portuguesa. In: *Revista Língua & Literatura*. Disponível em <[www.fw.uri.br/publicacoes/linguaeliteratura/artigos/n16\\_4.pdf](http://www.fw.uri.br/publicacoes/linguaeliteratura/artigos/n16_4.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2009. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus Frederico Westphalen, vol. 11, n. 16, 2009, pp. 63-79.
- LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Labirinto da Saudade*. 3ª ed. Lisboa: Gradiva, 2004.
- MACHADO, Baptista. Francisco Ferreira da Costa Guimarães. *Commercio e Industria*, vol. I, n. 19, 1881, s/p.
- MACHADO, Igor J. de R. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2003. Disponível em <<http://www.ufscar.br/~igor/public/carcere%20publico%204.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- MIRANDA, Sacuntala de. *A emigração portuguesa e o Atlântico: 1870 – 1930*. Lisboa: Edições Salamandra, 1999.
- MÓNICA, Maria F. (org.). *As Farpas. Crónica mensal da política, das letras e dos costumes*. Lisboa: Principia, 2004.
- MONTEIRO, Miguel. Marcas arquitectónicas do brasileiro na paisagem do Minho. In: PORTUGAL, Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses, *Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal*. Lisboa: CNCDP, 2000a.
- \_\_\_\_\_. Casas de brasileiros: o público e o privado. In: PORTUGAL, Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses, *Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal*. Lisboa: CNCDP, 2000b.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ROCHA, Gilberta. Migrações, emigrações, retornos. In: ARRUDA, José J. & FONSECA, Luís A. (orgs.), *Brasil-Portugal: História, agenda para o milênio*. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP; Portugal: ICCTI, 2001.

- SANTOS, Boaventura de Souza. As oportunidades lusófonas. *Rua Larga, Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra*, Coimbra, janeiro, 2005.
- SANTOS, Eugénio dos. Os *brasileiros de torna-viagem* no Noroeste de Portugal. In: PORTUGAL, Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses, *Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal*. Lisboa: CNCDP, 2000.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa. In: BASTOS, Cristiana *et. al.* (org.), *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.
- VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal – a imagem recíproca. O mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Ministério da Educação – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

Recebido em 31/01/2010  
Aceito para publicação em 22/03/2010